



Aqui está um gaúcho com seu cavalo. Quem será capaz de reconhecê-lo à primeira vista: argentino, uruguaio ou brasileiro? Na entanto, é argentino.

SEGUNDO DE UMA SÉRIE

OS TRÊS GAÚCHOS

A identidade entre o gaúcho platino e o brasileiro — Porque o estranho não os diferencia à primeira vista

Fotos de Léo GUERREIRO

Escreve Carlos Galvão KREBS

para o Instituto de Tradições e Folclore da
Divisão de Cultura

O DIÁRIO DE NOTÍCIAS continua hoje a publicação da série de artigos assinados por Carlos Galvão Krebs, numa tentativa de aproximação entre o gaúcho sulino e o vaqueiro do Nordeste.

Carlos Galvão Krebs é diretor do Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura desde a instalação do Instituto.

Para realizar o presente estudo contou com a colaboração da Divisão de Cultura, da Muniálutur S.A. — Representantes Gerais do Lido Aéreo para o Rio Grande do Sul e da Prefeitura de Natal, Rio Grande do Norte, na pessoa do sr. José Pinto Freire, seu atual prefeito.

Não se contentando com a bibliografia específica, o autor foi ao próprio campo de estudos, viajando até a Província de Tucumán, Noroeste da República Argentina e voltando após ao Nordeste, que frequenta desde 1945. Cobriu ao todo cerca de quinze mil quilômetros só desta vez, no exame objetivo do tema e cujos resultados agora o DIÁRIO DE NOTÍCIAS está publicando.

Ademais esta é a primeira pesquisa internacional realizada pelo Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura, constituindo também a primeira tentativa de aproximação entre o gaúcho e o vaqueiro nordestino.

(Continua no número 10 e 11 — F)



Outro gaúcho, fazza à cintura e dombachas com ninho-de-abelha. Ninguém sabe se por baixo dos pelegos estão os bastos castelhanos, o serigote brasileiro ou o lombilha co, mim ao Prata e ao Rio Grande do Sul. Não obstante, é brasileiro.

atua República Argentina, e para as terras do moderno Rio Grande do Sul. Isso porque em toda essa vasta zona se multiplicara o gado vacum e a cavaliada, como se fazia sentir da mesma forma a impressão econômica.

Este fora da lei, ao mesmo tempo que nocivo à sociedade colonial por viver à margem dela e contra as prescrições legais, também era útil à sociedade por lhe alcançar a baixo preço as utilidades que, por alto custo, impunham as duas metrópoles ibéricas.

O vagabundo, o «quatrero», o ladrão, o contrabandista só foi adquirir um positivo valor social quando se mostrou excepcionalmente apto como guerreiro, durante as lutas pela independência das colônias espanholas do Rio da Prata. Até hoje estão expostos, na Igreja de «Nuestra Señora de las Mercedes», em San Miguel de Tucumán, os trofeus ganhos pelos argentinos aos espanhóis na primeira grande batalha emancipacionista do «Campo de las Carreras». Fô essa batalha, librada em setembro de 1812, foi vencida principalmente com o auxílio do gaúcho Gilemes, que despejou contra o inimigo uma invencível carga de cavalaria composta de gaúchos. Voltaremos ao fato oportunamente.

Alguns especialistas inventaram dezoito possíveis línguas geratrizes e trinta e seis diferentes hipóteses etimológicas. Para ilustrar o caso vamos apontar três autores e línguas castelhana que examinaram o assunto e se deram ao trabalho de relacionar as diversas teorias. Arturo da Costa Alvarez coletou trinta possibilidades. Buena-ventura Caviglia (Hijo) trinta e seis. E Daniel D. Vidart arrolou dezoito possíveis línguas geratrizes com trinta e cinco étimos diferentes.

Tanto quanto sabemos, no Brasil somos mais pobres a respeito. Lembramos «GAÚCHO — História de uma Palavra», monografia de Augusto Meyer, da qual nos vamos servir largamente. E só. Mesmo assim, desencantado com a massa ingente da ganga bruta, Augusto Meyer abandona de início e deliberadamente a pesquisa etimológica para estudar apenas a evolução semântica, mudança de sentido da palavra GAÚCHO através dos tempos.

Investigações de José Torreavello denunciavam o surgimento do vocábulo em 1790, às margens do Rio da Prata e citado em documento castelhano com aquele conhecido desrespeito tônico: GAÚCHO e o GAÚCHO. Augusto Meyer, nessa data, penetrando nos meandros da língua portuguesa descobriu o termo no «Diário Resumido e Histórico» de José de Saldanha, datado de 1787. Mas grafado assim: GAUCHES, com a letra E em lugar de O. Entretanto o próprio Saldanha não deixa dúvidas quanto ao seu significado, explicando textualmente:

GAUCHES, palavra espanhola usada neste País para expressar aos Vagabundos, ou ladrões de Campo, quais vaqueiros, costumados a matar os Touros bravos, a sacar-lhes os olhos e a levá-los ocultamente às povoações para a sua venda ou troca por outros gêneros. E aí já temos o primitivo conceito do GAÚCHO: vagabundo, ladrão, contrabandista.

Al tipo e tal função social já existia desde muito antes do nascimento da palavra GAÚCHO. Existia na colonização da boca do Rio da Prata por Espanha e de Portugal. Tipo e função que viviam ibérica e necessariamente opressa econômica, característica do genótipo ibérico, fiscalizada por excelência.

Logo surgiu seguramente a corrente esquerda do grande rio, a região da República Oriental do Uruguai, o tipo se alastrou para a ocidental e para o Norte, na

língua, agora enriquecida por excelentes traços morais.

Curiosamente na literatura e no folclore escrito da Revolução Farroupilha não se encontra uma só vez menção ao GAÚCHO, segundo Augusto Meyer. Fala-se tão somente em «continentinos», «continentistas» ou «rio-grandenses». Será legítimo deduzir-se que essa época a voz GAÚCHO trazia ainda em seu bojo algo daquela sua primeira acepção pejorativa.

Depois de tais fatos políticos já não mais existiam condições de sobrevivência para o gaúcho no sentido antigo. Então ele se faz miliciano e, principalmente, peão, posseiro ou agregado de estância, cada dia mais sedentário. Tal estabilidade se acentua definitivamente no último quartel do século passado por imposição de um novo senhor, paradoxalmente fraco e todo poderoso: o fio de arame. O alambrado aparece no Uruguai entre 1872 e 1880. Na Argentina é a partir de 1879 que se intensifica a importação dos fios metálicos. Aqui no Brasil, o Rio Grande do Sul começa a construir seus próprios alambrados mais ou menos por volta de 1890. Acabaram-se os campos indivisos e, com eles, a haraganagem.

Tendo nascido ao redor da boca do Rio da Prata, o gaúcho se esparramou pelo Uruguai, pela Argentina e pelo Rio Grande do Sul que apresentam, em largos traços, a mesma paisagem de pampa e caatinga. Desde sempre essa zona toda, nos tempos históricos, teve uma única atividade basilar sobre a qual assentou inteira a sua economia: o trato do gado, seja inicialmente como casa aos chibarrões, seja depois, como criação organizada. Essa identidade geográfica e econômica resultou em hábitos, costumes e técnicas de trabalho absolutamente semelhantes. Inclusive indumentária. De fato, a uma pessoa estranha à cultura gaúchesca será de todo impossível diferenciar a um simples golpe de vista um gaúcho rio-grandense de um uruguaio ou argentino. Se fizermos identidade de costumes, de indumentária e técnicas de trabalho, já estamos falando em identi-

dade folclórica. Efetivamente as regiões campeiras do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina formam uma única província folclórica, como acertadamente afirma o pesquisador uruguaio Lauro Ayestarrán. E acrescenta: mesmo que essa província não coincida em absoluto com os limites políticos das três nações. E — acrescentamos nós — ainda que tal província comporte dentro de si duas matrizes culturais irmãs, ambas ibéricas, mas diferentes e rivais: a portuguesa e a espanhola.

A incompreensão de tal fato induz a erro vários estudiosos brasileiros, especialmente os da fora do Rio Grande. A grosso nos acusam de «platinos» insinuando um castellanismo insólito, ou pelo menos temendo em nós uma inclinação centripeda para o grande Rio do Solis. Esquecem, ou ignoram, Rafael Pinto Bandeira, Borges do Santo com seus companheiros Pedroso e Almeida. Trincin Evangelista, Caetano da Silva, Plácido de Castro e Raul Bopp, para só citar uns poucos, ainda que representativos. Os primeiros, bem gaúchos, lutando tenazmente contra os gaúchos do outro lado, Trincin, embaixador sem título, defendendo a política brasileira justamente no Prata e dando trem-de-ferro ao centro e navegação do Norte do Brasil. Caetano da Silva, também do extremo Sul, fornecendo a Rio Branco os elementos para vencer um pleito internacional de limites exatamente no extremo Norte. Plácido de Castro, gaúcho de São Gabriel, peleando no longínquo Nordeste e incorporando o Acre ao Brasil. E o santamarquense da Boca do Monte, Raul Bopp, cantando a amazônia em versos modernistas.

Esquecem tudo isso e maldizem o nosso linguajar arrevezado, dizendo de castelhanismos nossos. Chegam ao cúmulo de perguntar se não convergia banirmos o vocabulário gaúchesco a totalidade das palavras espanholas, como se isso fosse possível, como se isso fosse razoável. Mas, fato já sublinhado, os gaúchos das três pátrias tiveram um nascimento comum, um habitat semelhante, a mesma atividade e

conômica donde deriva um idioma também semelhante. Com razão se afirma ser uma única a linguagem, com referências à criação de gado, no Rio Grande do Sul, no Uruguai e na Argentina. Se para explicá-lo, não houvesse a origem comum dos três gaúchos, bastaria lembrar que somos gente de fronteira, em contato permanente — seja belicoso no início, seja fraterno depois — e sempre íntimo com duas nações atuais, de cultura espanhola. Da Argentina apenas nos separa o Rio Uruguai, radeado todo dia nos dois sentidos, tanto pelo trânsito normal quanto pelo também perene contrabando. Entre nós e a República Oriental nem rio existe que mereça o nome, é perfeitamente natural essa troca de elementos de cultura, dos quais a língua é um dos mais importantes. Para qualquer cultura viva é essencial esse constante vir a ser. É primária e já um truismo a afirmativa de que só existe uma cultura estanque, impermeável, e parada no tempo: a que já está morta e enterrada. Aqueles que não o compreendem nem o fenômeno fronteiriço do Rio Grande do Sul, ainda afirmam que só existe «influência» de lá para cá. Rematada tolice: nunca houve nem existem culturas contíguas, entre as quais uma somente dá e as outras apenas recebem. Sempre acontece um toma lá e dá cá. Mas persistem ainda: nós falamos mais o espanhol na fronteira do que eles o português. Se tivermos maior oitidão para línguas que os espanho-americanos, isso não nos poderá ser apontado como debilidade, mas sim como apreciável aptidão. Afinal de contas a própria história e os fatos atuais corrigem por completo essa estranha miopia que só funciona contra o Rio Grande do Sul. O sociólogo rio-grandense Salís Goulart já o dissera há um quarto de século:

«A influência que se nota na fronteira é recíproca.

«...É tão notável a influência brasileira na cultura uruguaia que uma lei daquela país impoz forte multa a todos os que saíssem do território nacional para estudar, pois avultados eram os estudantes que se destinavam às escolas su-

periores do Brasil. Para defender-se do idioma português chegaram os intelectuais e patriotas da vizinha república a criar uma Liga de Defesa da Língua Nacional.

«...Ora, se é lícito dizer que a formação do nosso Estado foi platina, podemos afirmar, com maior razão, que a do Estado Oriental foi português».

Seguramente Salís Goulart pensava na fundação da maldadada Colônia do Sacramento, como na igualmente infesta Província Cisplatina. Em anotação ao pé de página sublinha um outro dado muito significativo:

«Em 1896 departamentos havia no Uruguai, como os de Taquarémbo, Cerro Largo, Artigas e Durazno, que contavam maior número de brasileiros do que nacionais».

Há menos de um lustro um autor uruguaio retomou o assunto, é Daniel D. Vidart, Chefe do Departamento de Sociologia Rural do «Ministerio de Ganaderia y Agricultura». Assim afirma:

«La cultura brasileña ha penetrado profundamente en la zona septentrional de nuestro país. Ha sido el 1900 el idioma portugués y la estancia brasileña imperaban al norte del Rio Negro. Hoy el panorama no es tan agudo pero la frontera es aun un territorio con características muy peculiares».

Também o Uruguai possui outro investigador, Lauro Ayestarán, já citado, um dos mais severos estudiosos de Folclore na atualidade. Dentro do Uruguai, territorialmente menor que o Rio Grande do Sul, em pesquisa de campo Ayestarán já gravou mais de duas e quinhentas fitas magnéticas. Em conferência proferida nesta capital há dois anos, por iniciativa do Instituto de Tradición e Folclore da División de Cultura em colaboração com a Facultad de Filosofía da URG, afirmou que em ambos os lados da fronteira de nossos dois países não se fala nem o espanhol de Montevideo nem o português de Porto Alegre. Mas sim «el misturado», como diria o «paleano» oriental, ou o «misturado», como diríamos nós. (Continua na página 11 Letra — L)

Afirmou mais, documentado em gravações de campo rodadas na oportunidade: até hoje, por dezenas de quilômetros fronteira a dentro do Uruguai é só em português que se canta o «têrco», o nosso popularríssimo têrco rio-grandense e brasileiro, «tirado» por circunspetos «capelões» ou convictos «capelãos» na impossibilidade de assistência sacerdotal.

Pois apesar dessa mistura toda, jamais os gaúchos do Rio Grande alteraram a morfologia e a sintaxe do idioma português, os elementos mais fundamentais de uma língua na verificação dos entendidos.

Em suma, pedir-nos que excluamos do nosso vocabulário as palavras de cunho espanholado é o mesmo que exigir-nos o abandono das hombachas, que os catelhanos também vestem. Ficáramos descaracterizados, jogando fora imprudentemente aquilo que nos dá uma saborosa cor local dentro do verde amarelismo brasileiro: a parte ostensiva do espírito gaúcho. Isto é, o lineאר e a indumentária.

Mas basta.

Para terminar, voltamos a insistir em que pesem o profundo sentimento de nacionalidade entre os três gaúchos, o uruguaio, o brasileiro e o argentino e as diversas raízes culturais (argentinos e uruguaio de um lado, rio-grandenses de outro), todos eles pertencem inequivocamente a uma única província folclórica, como julgamos ter demonstrado sofrivelmente.